

PIERRE BOURDIEU: um mestre de ofício

Maria de Fátima da Costa Gonçalves¹

Resumo: Este artigo analisa alguns dos fundamentais conceitos construídos por Pierre Bourdieu (1930 - 2002) que são acionados como noções operacionais para pensar as relações sociais do mundo contemporâneo, tomando por referência as matrizes da Sociologia Reflexiva e a análise de parte de seus artigos, conferências, pesquisas, ou seja, da sua produção intelectual. A análise das contribuições de Pierre Bourdieu se refere a assuntos específicos (embora seja muito tensa a clivagem dos seus argumentos), sobre quais foram empreendidos cortes, dado o volume de seus constructos teórico-metodológicos. Trata-se de algumas considerações sobre a sociologia reflexiva, a discussão em tomo da configuração do papel e do exercício do intelectual — total, coletivo e negativo — designativos conceituais para referendar o exame do conceito de intelectual e breves notas atinentes às suas ponderações sobre o neoliberalismo e a posição do Estado contemporâneo frente às políticas públicas, este enquanto um dos atributos específicos dessa esfera. A par de toda complexidade de argumentos e dos pontos polêmicos, essa apreciação como um todo é um tributo ao trabalho intelectual e à luta política do sociólogo francês morto em 23 de janeiro de 2002, em Paris.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu, Sociologia Reflexiva, produção de conhecimento, intelectual, Estado, estratégias neoliberais.

A liberdade não é um dado, mas uma conquista, e coletiva.
(BOURDIEU, 1990, p. 28)

Para mim, a vida intelectual está mais próxima da vida de artista do que as rotinas de uma existência acadêmica (BOURDIEU, 1989, p. 39).

INTRODUÇÃO

Por ocasião de uma entrevista concedida em abril de 1985, Pierre Bourdieu (Deguin, 1930 — Paris, 2002), discutindo a questão do espaço e da legitimação dos pensadores ditos universais, sublinhava naquele momento a sua precaução em utilizar as armas possíveis para exercer a crítica reflexiva — aquela que todo pesquisador deve movimentar contra si mesmo e seus legados familiares do *mond savant*, lugar tranquilo, por onde repousam certezas

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Maranhão e aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA.

dogmáticas. (BOURDIEU, 1990). Era, sobretudo, um exercício regulador da prática de pesquisa e que parece tê-lo norteado ao longo de sua experiência como sociólogo: a vigilância epistemológica, tão cara a Gaston Bachelard (1996). O sociólogo francês inúmeras vezes enclausurado² ora nas molduras do estruturalismo, ora do positivismo, ora do marxismo, ora do weberianismo ou mesmo na discutível classificação savant denominada “crítico-reprodutivista”, estava versando sobre uma das suas preocupações centrais — a questão do conhecimento, a sua produção, as sutilezas de *appât*. Bebendo nas fontes de autores e fazendo interlocuções com eles, Bachelard, Ganguilhem, Cassirer, Panofsky, Merleau-Ponty, Durkheim, Marx, Mauss, Husserl, Wittgenstein, Heidegger, Freud, Lacan, por exemplo, construiu suas argumentações, respaldado na ideia de que o conhecimento se forma e se transforma ininterruptamente.

Polemico, instigante e afeto a poucas palavras, Pierre Bourdieu, como ele mesmo chegou admitir, era uma exceção à regra de exclusão social do sistema de ensino francês: filho de um funcionário dos correios, nascido numa cidade da região francesa de Béarn, ascendeu à condição de professor universitário³, primeiro em Moulin e depois em Lillie, para finalmente chegar ao consagrado *Collège de France*. Neste artigo, tratar-se-á das contribuições de Pierre Bourdieu em três domínios específicos (embora seja muito tensa a clivagem dos seus argumentos): algumas considerações sobre a sociologia reflexiva, a discussão em torno da configuração do papel e do exercício do intelectual e breves notas sobre as suas ponderações, sobre o neoliberalismo e a posição do Estado contemporâneo frente às políticas públicas enquanto um dos atributos específicos dessa esfera.

PIERRE BOURDIEU E O PARADIGMA DA “CARTA ROUBADA”: considerações sobre a produção do conhecimento e as práticas de Investigação científica

Entregamos aqui os depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver. Organizamo-los e os apresentamos com o objetivo de conseguir do leitor que lhes conceda um olhar tão compreensivo quanto o que as exigências do método científico nos impõe e nos permite conceder.
[...]

² Ao ser inquirido sobre a influência de Weber e Marx na gênese dos conceitos que havia desenvolvido e se podia ser considerado um “weberiano”, Pierre Bourdieu respondeu: “[...] E não costumo responder a essas perguntas. Primeiro, porque, em geral, elas quase sempre são feitas - sei que não é o seu caso - com uma intenção polêmica, classificaria, para catalogar, *kathegoresthai*, acusar publicamente: Bourdieu, no fundo, é durkheimiano. O que do ponto de vista de quem diz isso, é pejorativo; significa: ele rido é marxista, e isso é mau. Ou então: Bourdieu é marxista, e isso é mau. Trata-se quase sempre de reduzir ou de destruir.” (BOURDIEU, 1990, p. 41) (grifo da autora)

³ Pierre Bourdieu foi diretor de Pesquisas da “*École de Haute Études em Sciences Sociales*”, professor do *Collège de France*, diretor da revista “*Actes de la Recherche em Sciences Sociales*” e da publicação “*Liber-Raisons – d’Agir*” e, ainda, do *Centre de Sociologie Européenne*.

Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar públicas conversas privadas, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas? (BOURDIEU, 1993, p. 9)

Ao proferir a aula inaugural⁴ no Collège de France, no dia 23 de abril de 1982, imprimiu, por assim dizer, a marca da sua forma de trabalhar com a investigação sociológica, cuja validade estava na proporção direta de ser ele mesmo, enquanto cientista social, inquisidor das relações evidentes e familiares, como costumava dizer e, que podiam obstruir a construção do objeto de estudo. Por isso, em meio a essa aula, essa lição, para guardar a força que tem essa palavra e submetida aqui propositadamente à referência ao conceito de autoridade pedagógica (BOURDIEU; PASSERON, 1982) e ao princípio do magister dixit aristotélico, como certamente queria Bourdieu fazer ressaltar, a profissão de sociólogo não condiz com a condição de descobridor de leis sociais como pretendia Durkheim (1939, p. 39), mas de um desordeiro de fatos — “Praticar a dúvida radical em sociologia é pôr-se um pouco fora da lei”, de visões e de divisões do mundo social e dos sistemas classificatórios que parecem querer pôr em ordem esse mundo. Ser sociólogo para Bourdieu era um ofício doido e rigoroso, porquanto deveria ser a contraproposta ao conhecimento cada vez mais adensado pela certeza da repetição. E assim disse na sua “aula inaugural”:

Muitas realidades ou relações que ele põe a descoberto não são invisíveis, ou o são apenas no sentido de que elas ‘cegam os olhos’, segundo o paradigma da carta roubada caro a Lacan⁵. [...]

A recusa em reconhecer uma realidade traumatizante sendo proporcional aos interesses defendidos, compreende-se a violência extrema das reações de resistência que suscitam, entre os detentores do capital cultural, as análises que trazem à luz do dia as condições de produção e de reprodução denegadas da cultura ..] (BOURDIEU, 1994, p. 31) (grifo da autora)

Bourdieu empenhou-se no sentido de chamar a atenção para a tendência do cientista em naturalizar os dados, de autores, a realidade do mundo social como evidências e os olhares sedimentados nas familiaridades, contra o referido “automatismo da repetição» e na busca do exercício da conversão do olhar⁶ na instância específica da produção do

⁴ A aula inaugural proferida por Pierre Bourdieu em 1982- *Leçon sur la leçon*- foi traduzida para o português com o título de ‘Lições de Aula’

⁵ “A carta roubada” é um conto traduzido por Charles Baudelaire e utilizado por Jacques Lacan (1901-1981) para trabalhar com a questão do que chamou de “automatismo da repetição”. No conto, há três olhares e três sujeitos: o primeiro é um olhar que nada vê (o Rei, a polícia), o segundo, o olhar de que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta (a Rainha e o ministro) e o terceiro olhar diz Lacan (...) é o que vê, desses dois olhares, que eles deixam a descoberto o que é para esconder, para disso se apoderar quem quiser é o ministro e por fim, Dupin” (LACAN, 1998, p. 17).

⁶ “Trata-se de produzir, senão um homem novo, pelo menos um ‘novo olhar’ um olhar sociológico. E isso não é possível sem uma verdadeira conversão, uma metanóia, uma revolução mental, uma mudança de toda a visão de mundo social” (BOURDIEU, 1989, p. 49)

conhecimento⁷ que esse pesquisador reuniu os argumentos e conceitos específicos para pensar as formas e as condições da produção do conhecimento. Titulou esse exercício específico do ofício de investigação científica de Sociologia Reflexiva (1989).

Nesse sentido, tocou em pontos nevrálgicos, ou seja: nas estruturas sedimentadas referidas ao chamado conhecimento ortodoxo. Bourdieu chamou atenção para o esquema da tradição medieval: auctor (produtor do discurso novo) - ledor (comentador do discurso) e, conseqüentemente, para o princípio da “auctoritas do auctor” (BOURDIEU, 1990, p. 135): a constante legitimação e consagração do conhecimento já produzido e a indistinção entre o que produz conhecimento e aquele que o reproduz como se fosse produção, processo, por assim dizer, denominado de “senso comum douto” (BOURDIEU, 1989, p. 46).

Aponta-se para os procedimentos que o ofício do sociólogo⁸ requer, nas palavras textuais do autor de Sociologia reflexiva (1939, p. 21), “pôr em causa os objectos pré-construídos” e assim, deslocando-se dos domínios fossilizados da ortodoxia para o terreno incerto e arenoso da heterodoxia, daquilo que nasce da intranquilidade das tensas e complexas relações do mundo social.

A lição de Bourdieu: o ofício do sociólogo é simbolicamente um ritual como os trabalhos artesanais das chamadas corporações de ofício, está muito distante da posição estática do pesquisador e, parece ser uma atividade que vai do olho a mão⁹, um trabalho minucioso, que requer abranger olhares inquietos frente às possíveis familiaridades das evidências e reinscrever formas de questionar e redimensionar sempre os dados a serem trabalhados e configurados num texto que nasce inquieto e inseguro e não acaba. Parece que nem mesmo começou. Assim, a sensação de escrever o pensado e o analisado é muito etérea e imponderável. Risível, por vezes. Em outras, uma porta entreaberta.

Bourdieu mostrou que a vulnerabilidade, a angústia e toda sorte de incertezas que rodam como fantasmas a atividade de pesquisa. Não é, pois, uma propriedade de pertença dos pesquisadores incautos, mas um estado de alma, por assim falar, continuamente presente no trabalho de investigação científica. As dúvidas e o double blind, como chamou (BOURDIEU,

⁷ Pierre Bourdieu empreende a discussão em torno da produção do conhecimento em instâncias específicas por agentes específicos e consagrados pelo que denominou de senso público. Ver BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador' In: Problemas do Estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

⁸ “Le métier de soaologue” publicado em 1968, Bourdieu marcou posição face ira questões afetas à esfera da produção do conhecimento, notadamente, da pesquisa científica.

⁹ Em “As regras da arte”, Pierre Bourdieu falou do “olho do Quattrocento” (livro de Michael Baxandall) para discutir aquilo que denominou de sociologia da percepção artística, isto é, a ruptura com as pré-noções que circunscrevem a análise das técnicas de expressão artística (BOURDIEU, 1996. p. 350), Utiliza-se dessa análise para tentar aproximar o “olhar do pesquisa- dor” como uma forma de percepção mais cuidadosa no sentido de romper com as demandas das familiaridades dos objetos pré-construídos.

1989) o dilema que marca a investigação e o pesquisador, se estabelecem como problemas comuns e que longe de se constituir num obstáculo são formas necessárias para o exercício de implosão do princípio da scholastic view. Apontando para a influencia de Ludwig Wittgenstein, Bourdieu o citou, ao partilhar da mesma angústia do filósofo alemão. E de tal modo falou:

Wittgenstein é certamente o filósofo que me foi mais útil nos momentos difíceis, uma espécie de salvador para os grandes períodos de angústia intelectual: quando se trata de questionar coisas tão evidentes como 'obedecer a uma regra'. Ou quando se trata de dizer coisas tão simples (e, ao mesmo tempo, quase inefáveis) como praticar uma prática. (BOURDIEU, 1990, p. 21).

Sim, em Pierre Bourdieu a lição da lição do ato de pesquisar é um ritual por demais complexo, posto que sempre, antes de tudo, estão em jogo e em exposição contínua as ameaças das incertezas e as certezas que deixam dúvidas, tão radicais quanto necessárias. Nesse lugar está a crítica e o direito de ir para além do óbvio. Vale mais o olhar devasso de Dupin.

PIERRE BOURDIEU INCONFIDENTE: O MOVIMENTO CONTÍNUO DOS CONCEITOS FORMULADOS

Pierre Bourdieu não pode ser lido de forma linear, nunca se comportou de forma previsível e presumível. De forma acabada. Seus conceitos não estão circunscritos em um livro, em um trabalho, em uma pesquisa. Seus argumentos e as suas reformulações percorrem trajetória longa, instigante e, por vezes, dá a nítida sensação de uma transmutação radical na conformação dos conceitos. Não há como falar desse “agitador do dissenso social” referido a um começo, meio e fim. Longe disso, parece sempre recomeçar ou então parece refazer o feito e desdizer o dito. É oportuno resgatar-lhe alguns desses conceitos, ainda que de forma punctual, pondo em risco as clivagens profundas que os cortam e, ademais, o risco de uma superficialidade a qual o sociólogo abjurou em nome do rigor metodológico que uma investigação científica requer.

A carreira acadêmica desse sociólogo esteve marcada por inúmeras pesquisas, na maior parte referida a determinadas realidades empíricas (gostava de se enfatizar sua oposição frente ao que denominou de “taken for granted”). Convém destacar que em 1975 criou a revista “Actes de la Recherche en Sciences Sociales”¹⁰ editada trimestralmente pela “Éditions du Seuil”,

¹⁰ “Conforme informação do periódico: “Fondée en 1975 à la Maison des sciences de l'homme et avec son soutien. Publiée par le Centre de Sociologie Européenne du Collège de France et de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales, laboratoire associé au CNRS avec concours du Collège de France, de la Maison des Sciences de l'homme, de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales et du Centre National du Livre”. Informa-se que essa publicação não é traduzida para o português e o último lançamento foi em dezembro de 2001, a publicação de

sendo que sua primeira pesquisa publicada em parceria com Yvette Delsault foi “Le coutuner et as grife: contribuión à une théorie de la magie”(estudo da linguagem da moda dos estilistas da alta-costura francesa) ¹¹, inaugurando uma série de trabalhos que tratariam de questões as mais diversas e diversificadas. Aqui, o olhar atento e convertido do cientista social não confirmava afinal o paradigma lacaniano da “carta roubada”.

Diga-se, então, que esse olhar perscrutador tinha um campo de acuidade amplo à medida que o sociólogo francês excursionou por meio do ofício que lhe era peculiar, pela casa cabila, passando pela moda, literatura, esporte, mídia, gênese do Estado, políticas públicas, campo econômico, burocracia, fotografia, sistema de ensino, ‘dominação masculina’¹² (PINTO, 2000) e numa condição de alerta constante, buscou na observação cuidadosa das relações sociais, algumas questões sub-repticiamente postas nos subterrâneos das discussões acadêmicas.

Uma das primeiras contribuições de Pierre Bourdieu foi “Sociologie d’Algérie (1958), como parte da coleção “Que sais-je”, “Travaillet travailleurs em Algérie”, o qual em 1979 foi traduzido e editado no Brasil com o título de “O desencantamento do mundo”.

Para além das pesquisas na sociedade cabila, esse gaulés inquieto, em 1964, escreveu um trabalho que intitulou “Les hérieters: les étudiants et la culture” em parceria com Jean-Claude Passeron, no qual, antes dos protestos de maio de 1968, fazia uma ácida crítica ao sistema universitário francês. Esse trabalho aventou conceitos como capital cultural. E o conceito de capital cultural subtende uma relação a um certo valor que ele, enquanto capital possui, ao modo do capital por dizer, econômico: um valor de troca. É nesse sentido que o sistema de ensino, especificadamente, a instituição escolar contribui para a reprodução desse capital, de forma que tende a se perpetuar, sendo dotado de uma legitimidade dada pela autoridade pedagógica (agente ou instância que realiza o trabalho pedagógico)¹³. Bourdieu, ao se valer de

número 140 que consagra as discussões em torno da ordem econômica e da ‘democratização’ política da Rússia, as experiências do sufrágio censitário e do sufrágio universa., enfim, a questão da democracia e do voto.

¹¹ Pode-se destacar dentre inúmeras produções de Pierre Bourdieu editadas em “Acres de La recherche em Sciences Sociales”: “El si on parlait de l’Afghanistan?” (entrevista com o autor em 1980) no n.34, “La Maison do Roi à Raison d’État: um modèle de la genése du champ bureaucratique (1997) no n.118, “Sur la Science de l’État” (em parceria com Livier Christin e PierreEtienne Will), em que discute algo bem oportuno para ser acionado nas análises das estratégias de governo e dos programas de políticas públicas, denominado pelos autores de “sauoirs bureaucratique” (BOURDIEU, P, (Directeur. Actes de la Recherche em Scier,ces Sociales. Paris: Seuil, n. 133, juin, 2000, p7). envolvendo anda a discussão da chamada fundação do Estado Moderno. E mais: no decurso dos 26 anos de publicação, passaram pelo periódico autores como Norbert Elias, Ludwig Wittgenstein, En.ing Goffman, Theda Skocpol. para citar alguns.

¹² Com relação ao estudo da sociedade cabila, Bourdieu publicou, dentre outros, o trabalho “Esquisse d’une théorie de la pratique, precede de tais études d’etl’noiógw kabyle (1972),

¹³ Sobre as categorias autoridade pedagógica, ação pedagógica, trabalho pedagógico e as formas de se articularem no sistema de ensino, com vista a reprodução das relações sociais de produção, pode-se consultar A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino, em colaboração com J.C. Passeron e publicada em 1970.

investigações sobre o sistema de ensino francês, e não só, mas também da constituição do campo intelectual na França em momentos dados, por exemplo, quando escandiu a relação entre a sociedade francesa do século XIX e o exame da “educação sentimental” de Gustave Flaubert. Isso consente pensar sobre a manutenção das diferenças sociais pré-existentes, embora os agentes se valham do critério do “mérito escolar e de desempenho” ou aquilo que diversas vezes ele denominou de «ideologia do dom» um conceito que ajuda a pensar a ordem social tal como é. Em uma conferência realizada na Universidade de Todai (Japão), em 1989, e que juntamente com outras intervenções estão reunidas no trabalho “Razões Práticas: sobre a teoria da ação” (1997), o autor explicou:

Para termos uma visão global do funcionamento dos mecanismos de reprodução escolar, podemos, em um primeiro momento, evocar a imagem utilizada pelo físico Maxwell para explicar como a eficácia da segunda lei da termodinâmica poderia ser anulada: Maxwell imagina um demônio que faz a triagem das partículas em movimento, mais ou menos quentes, isto é, mais ou menos rápidas, que chegam até ele, enviando as mais rápidas para um recipiente cuja temperatura se eleva e as mais lentas para outro, cuja temperatura baixa. Assim fazendo, ele mantém a diferença, a ordem que, de outro modo, tenderia a desaparecer. O sistema escolar age como o demônio de Maxwell: à custa do gasto de energia necessária para realizar a operação de triagem, ele mantém a ordem pré-existente, isto é, a separação dos alunos dotados de quantidades desiguais de capital cultural. Mais precisamente, através de uma série de operações de seleção, ele separa os detentores de capital cultural herdados daqueles que não o possuem. Sendo as diferenças de aptidões inseparáveis das diferenças sociais conforme o capital herdado, ele tende a manter as diferenças sociais pré-existentes. (BOURDIEU, 1996, p.36) (grifo da autora).

Há de se observar as formulações de Bourdieu sobre o sistema de ensino como uma instância legitimada de consagração e legitimadora de posições, mais intensamente, formadora, juntamente com outras instituições sociais, do habitus. Esse conceito realçou as formas de entendimento do mundo social, a partir de critérios, princípios e classificações por ele consideradas arbitrárias (por se tratar de visões de mundo de um grupo particular) e, em assim sendo, se constituir numa forma de acionar os conceitos de violência simbólica e de poder simbólico que vão marcar essas posições dos agentes e instâncias, sendo este último um poder quase mágico, nas palavras de Bourdieu (1989) por obter os resultados que geralmente são obtidos com o poder da força física.

Açambarcando o referencial contido no conceito de hexis aristotélico, ele construiu a noção de habitus para pensar as práticas distintas e distintivas de diferentes grupos sociais e, ainda mais, pensar as diferenças simbólicas e o quantum do capital cultural que permitem diferentes posições e tomadas de posição no campo social por esses grupos ou agentes. A noção de habitus é um instrumento analítico acionado em momentos de extrema tensão nas práticas sociais. Permite falar das diferenças e das categorias de diferenciação, distinção e

ordenamento do mundo social de forma relacional, contrariamente ao princípio de entendimento que concebe a noção de habitus como um conceito de valoração e/ou de critério fundante de uma postura mecânica de entendimento das práticas e consciências dos agentes sociais.

Pierre Bourdieu trabalhou essa noção operacional a partir de diversas perspectivas de análise das realidades empíricas com as quais suas investigações foram se aproximando. Portanto, é uma noção, assim como as demais e já dita, difícil de prescrevê-la, de delimitá-la. O trabalho “Les sens pratique”, publicado em 1980, é o arcabouço da discussão que perduraria em outros trabalhos de Bourdieu, sobre o modo de pensar relacional e sobre a desubstantivação da visão de mundo social¹⁴ seguido de outros, dentre os quais, “Homo Academicus” (1984), “La Noblesse d’État” (1989) e “Miséria do Mundo” (1993) realizado junto a segmentos excluídos da França e composto de 747 páginas¹⁵, editado em 1993, falando do sofrimento social de uma parcela considerável desses excluídos. Em “Méditations Pascaliennes” (1997), uma autobiografia intelectual e científica, Pierre Bourdieu pôs em xeque um conceito que já trabalhava algum tempo: capital cultural. Questionando-o, ponderou sobre o entendimento que se pudesse ter como uma contrapartida direta e particular do capital econômico e passa, então, a falar sobre “efeitos de capital” que permite, assim, pensar para além da visão dualista do capital — econômico e simbólico.

Outros trabalhos, como “Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal» (1998) e “Contrafogos 2”: por um movimento social europeu (2001) reúnem diversas intervenções em múltiplas instâncias (entrevistas, jornais — notadamente nos jornais franceses “Le Monde” e “Libération” -, pronunciamentos durante as greves de dezembro de 1995 contra o plano de seguridade social do premié Juppé, conferências, encontros) do sociólogo sobre as questões da chamada globalização, das posições estrategicamente adotadas pelos países europeus e pelos Estados Unidos, enfim, sobre a parafemália dos mecanismos internacionais de dominação e exclusão social.

Por vezes, tem-se a nítida impressão que Pierre Bourdieu precisou afastar-se das suas proximidades empíricas e conceituais para voltar a elas com mais intensidade, como o fez ao estudar a dominação da ordem social masculina tomada pelo critério biológico e, portanto natural e naturalizante, retornando ao campo de trabalho entre os cabilas que, segundo ele, mantém relações de similitudes com as percepções do mundo and rogênico da sociedade

¹⁴ Trata-se da discussão que traz à tona aquilo que Cassirer havia chamado modo de pensar substancialista, ou seja, o modo de tratar os conceitos como se fossem em si mesmo portadores de propriedades intrínsecas e imutáveis, tomando-os em si mesmo, substantivos. Bourdieu pretendia chamar atenção para a forma relacional de pensar os conceitos e categorias analíticas, ou seja, construí-los e pensá-los a partir um do outro.

¹⁵ Resulta do trabalho de vários pesquisadores da equipe de Pierre Bourdieu.

européia. Assim procedeu em um dos seus trabalhos últimos, “A dominação masculina” (1998). Nesse mesmo trabalho, no Prefácio à edição alemã¹⁶, Pierre Bourdieu (1999) afirmou:

É desejar que elas saibam trabalhar para inventar e impor, no seio mesmo do movimento social e apoiando-se em organizações nascidas das revoltas contra a discriminação simbólica [...].

Adiante, colocam-se as principais construções de Pierre Bourdieu sobre o que denominou “intelectual” e as suas posições ou, para ser, menos óbvios, as suas contraposições face às ensandecidas estratégias neoliberais.

PIERRE BOURDIEU E AS “RAZÕES DE AGIR”: do intelectual total ao intelectual coletivo

Penso que os intelectuais, e sobretudo, os sociólogos, são mais do que nunca necessários. Eles são os únicos capazes de desempenhar o papel de ouvidores, de dizer tudo aquilo que o discurso dominante sufoca e oculta. Os brasileiros têm o direito de estar decepcionados com os intelectuais e, notadamente, com todos os sábios’ do poder, economistas ou sociólogos, que colocam sua autoridade estatutária a serviço dos mais aptos políticos, pelo menos a longo prazo, para destruir todos os direitos sociais adquiridos e todas as solidariedades que os tornaram possíveis.(BOURDIEU, 2000, p. 13)

Costuma-se buscar no familiar conceito de erudição a sinonímia para a categoria intelectual. E no campo mesmo intelectual, na procura específica por visões de mundo dominantes, as posições teóricas divergem. Passando por teóricos como Karl Mannheim, Antonio Gramsci, Michel Foucault e Edward Shills, para citar alguns que enriquecem o debate e marcam as dissensões, examinar-se-á para uma breve análise da categoria em tela, em “As regras da arte” (1996b), “Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal” (1998) e “Contrafogos 2”: por um movimento social europeu (2001) e “Liber 1” (1997), trabalhos que Pierre Bourdieu marcou mais precisamente as construções sobre o intelectual.

Em “As regras da arte”, Bourdieu, quando escreveu “O intelectual total e a onipotência do pensamento” (1996, p. 238), construiu um referencial para a categoria intelectual, ligando-o às suas produções e posições. Trata-se de uma leitura de Jean-Paul Sartre. Ao se inserir Sartre simultaneamente em subcampos específicos do campo intelectual¹⁷ - filosofia (pelo conteúdo da filosofia existencialista, enquanto visão de mundo) e literatura (gênero do romance metafísico que media pela forma o discurso dessa visão de mundo), esse sociólogo gaulês tentou inventariar essa trajetória de Sartre. A chamada onipotência do pensamento expressa na análise de Sartre, a respeito da obra de Gustave Flaubert, precisa ser pensada em sua relação

¹⁶ Este prefácio consta da edição brasileira de “A dominação masculina (BOURDIEU, P, 1999)

¹⁷ O campo intelectual para Bourdieu é similar ao campo magnético por se tratar de um campo de forças. (BOURDIEU, 1966, p. 105)

com a representação social acerca da figura do intelectual: Sartre ao empreender uma análise da obra de Flaubert acaba por revelar a compreensão que tem de si mesmo enquanto intelectual sob a forma, de acordo com Bourdieu, do conceito psicanalítico de denegação (1996 b). Sua escrita acabou por revelar, a fortiori, a compreensão que o autor de “La Nausée” possui de si mesmo enquanto intelectual. Sua escrita acabou por revelar sua própria posição de escritor que deveria permanecer abrigada. Destarte, o ocultamento de sua posição de escritor coloca-se na estrita medida que eleger, como único fundamento de sua produção, a onipotência do seu pensamento. Sartre leitor de “A educação sentimental” de Flaubert foi o corte marcado por Bourdieu para discutir a posição do intelectual que, ao falar do outro, habilita-se a falar de si próprio enquanto intelectual.

Quando procedeu de forma a circunstanciar o conceito de intelectual total, Bourdieu argumentou que o intelectual estava sempre situado histórica e socialmente, de maneira que sua posição social de escritor e seu projeto criador seriam definidos tanto em relação a um campo específico — campo intelectual — como em relação àqueles com os quais se comunicam com os seus contemporâneos. (1966).

A questão da consciência do intelectual colocou-se por assim dizer, para Bourdieu da seguinte maneira: a produção intelectual é pensada como inscrita num determinado tipo de conhecimento e num determinado momento. Posta nestes termos, o conceito de intelectual permite revelar tanto os valores como o sistema de representações da definição social do intelectual e, com isso, situar a função e a vocação revolucionária ligada à nova figura do intelectual inaugurada por Emile Zola, a qual permite ponderar o partido político como instância que denota a independência e a dignidade do intelectual. Por assim dizer, Zola contemplou a figura do intelectual total ou engajado¹⁸ - simultaneamente relacionado no campo intelectual e no campo político — e portador de uma voz e uma posição com pretensões ao universal.

Essa posição polêmica de Bourdieu o marca entre seus pares e os seus leitores: o sociólogo francês pareceu a priori querer abstrair o intelectual do campo político, enraizando-o nos muros da academia. No entanto, convém chamar atenção para essa categoria específica - intelectual total — foi construída para dialogar com as formulações e posições de Émile Zola e Jean-Paul Sartre, adstritas ao final do século XIX até meados do século XX, notadamente face ao movimento francês de 1968.

¹⁸ Sobre a consciência do intelectual, Michel Foucault em “A microfísica do poder” (1993) distingue dois tipos de intelectual: o intelectual universal e o intelectual específico. Segundo ele, a vocação revolucionária e o pretensão monopólio de uma consciência universal do intelectual são critérios de construção do denominado intelectual universal, cuja função seria colocar-se como a consciência de todos, especialmente do proletariado. Para Foucault essa figura do intelectual universal tornou-se obsoleta desde que sua função não é mais necessária para a sociedade, uma vez que, segundo ele, as massas já adquiriram consciência.

Quando retomou o assunto em Liber 1¹⁹, Pierre Bourdieu no artigo “E no entanto [...]” afirmou que:

[...] os intelectuais não podem mais se contentar com denúncias proféticas do intelectual total à maneira de Sartre, nem com as análises críticas do ‘intelectual específico’, tal como era definido por Foucault. Para tanto, os intelectuais devem mobilizar-se e organizar-se em escala internacional (decerto se valendo das novas tecnologias da comunicação), com vistas a constituir um verdadeiro intelectual coletivo, transdisciplinar e internacional, capaz de instituir-se em contrapoder eficaz diante dos poderes econômicos, políticos e da mídia, nacionais e supranacionais, bem como de colocar novas formas de ação a serviço das diferentes formas históricas do universal que são indissociáveis tanto sua existência como seus interesses específicos. (BOURDIEU, 1997, p. 204) (grifos da autora)

Ao ativar o conceito de intelectual coletivo para falar em formas de intervenções estratégicas no mundo social, o autor de “As Regras da Arte” estava contrapondo a figura do intelectual total (a pensar, um intelectual — indivíduo — como portador de uma “consciência universal”) à resistência contra o que denominou de regressão intelectual, moral e política emanada do imperialismo e pelas suas consequências (BOURDIEU, 1997, p. 205) e ao submeter por diversas instâncias de intervenção as ilusões da razão e os abusos do poder a uma crítica radical das práticas de violência simbólica.

É prudente notar que Pierre Bourdieu estava perpetrando referência a uma realidade — a Europa solapada pelos lastros da lógica de mercado — e juntamente com outros intelectuais e grupos organizados não — governamentais, tentando viabilizar projetos do que chamou de “novo internacionalismo” para se opor ao conceito de “imperialismo”. Nessa circunstância, não se pode perder de vista, a fala de um “europeu” e pertencente ao Collège de France²⁰, haja vista a discussão não só daquilo que designou por “sofrimentos sociais” — resultado das políticas restritivas de proteção social - em seu empreendimento de pesquisa que culminou com o trabalho “A miséria do mundo” (1993) como também das questões ligadas à implantação da moeda única o “euro” e os critérios que deveriam compor aquilo que está como subtítulo de “Contrafogos 2”: movimento social europeu²¹.

Ao ser questionado numa entrevista dada Droit e Ferrenczi (BOURDIEU, 1998, p. 9), Pierre Bourdieu mencionou as formas de inscrever a luta dos intelectuais na construção do que chamava de contrapoder, sendo que uma delas seria a criação de novas formas de trabalho

¹⁹ Trata-se uma coletânea de artigos - Jürgen Habermas, Terry Eagleton, Georges Duby, E.P. Thompson, Robert Darnton, Louis Pinto, dentre outros — publicados na revista internacional de livros Liber criada em 1990 por Pierre Bourdieu.

²⁰ Assim se procede para demarcar as posições de Pierre Bourdieu no campo intelectual e sua relação ao seu pertencimento aos movimentos e instâncias da França/Europa. Isso dá de certa maneira, uma segurança para se evitar transposições livres que afinal comprometem o uso operacional do conceito.

²¹ Publicado inicialmente no jornal “Le Monde”, com o título de “Pour un mouvement social européen”, publicado em junho de 1999 (p. 1, 16-17), assim como outros artigos, a exemplo de “La achiricte de leuro passe aux at'eux” publicado em setembro de 1997 (p. 19) e “L'essence du neoliberalisme” publicado em março de 1998 (p. 3).

coletivo, capaz, segundo ele, de reconstruir as ideias, mobilizar vontades sem mistificar as consciências (BOURDIEU, 1998, p. 19).

Nessa análise, ele não pretendia encontrar a voz do consenso já que este contém dissensões ligadas às lutas pelas verdades de visão de mundo no campo intelectual. Mas ainda assim, não seria o dissenso o entrave à formação de um movimento social contemporâneo pelo intelectual coletivo. O critério de dispersão seria marcado pelo conceito de intelectual negativo que Pierre Bourdieu edificou tomando por base as intervenções da intelligentsia da mídia²² e dos políticos (BOURDIEU, 1998, p. 133), geridas pela baixa polícia simbólica, conforme foram suas próprias expressões:

[...] baixa polícia simbólica — antítese absoluta de tudo o que define o intelectual, a liberdade em relação aos poderes, a crítica das ideias prontas, a demolição das alternativas simplistas, a restauração da complexidade dos problemas — ser consagrado pelos jornalistas como intelectual de pleno direito. (1998, p.133)

A par dessas discussões, Pierre Bourdieu fundou um grupo e editora denominada “Raisons d’agir” com o intuito de conceber novas formas de expressão para transmitir aos militantes as conquistas mais avançadas originárias do terreno da investigação científica. E foi assim que, desde 1996, pretende funcionar como circuito alternativo nos mercados editoriais, buscando a concisão da linguagem e uma estreita relação entre a ciência e a militância. Esta é uma das razões e uma das razões de agir que fez Bourdieu legar sua contribuição para um mundo fragilizado pelas hordas da agiotagem internacional e das incúrias da política mundial.

PIERRE BOURDIEU E O “ESTADO DO MAL-ESTAR SOCIAL”: em defesa das estratégias de enfrentamento das políticas neoliberais

Fala-se muito do silêncio dos intelectuais. O que me impressiona é o silêncio dos políticos. (BOURDIEU, 1998, p. 13).

A censura mais radical é a ausência. (BOURDIEU, 1989, p. 55).

As intervenções de Pierre Bourdieu relativas à presença cada vez mais diminuta e circunscrita do Estado a determinadas e poucas atividades em nome da urgência dos ganhos econômicos dos investidores e em detrimentos dos ganhos da sociedade que outorga papéis específicos à esfera pública estão em vários lugares, sob várias formas e trabalhadas em diversas instâncias que vão desde artigos escritos nos jornais franceses “Le Monde”,

²² Convém consultar “Sobre a televisão” publicado originalmente pela Liber Éditions de Paris em 1997 e que causou uma grande polémica com os jornalistas e a mídia em geral. Bourdieu sobre isso escreveu um artigo denominado “Questions sur un quiproqué” no “Le Monde” em fevereiro de 1998 (p. 26)

“Libération”, passando pelas análises dos artigos em “Actes de la Recherche en Sciences Sociales” até pesquisas realizadas por longos anos e condensadas na publicação “A miséria do Mundo”. Não se pode corroborar com a ideia de que Bourdieu teria adquirido uma performance política somente pelos idos dos anos 90, uma vez que suas publicações e formulações anteriores tratam de questões ligadas ao que denominou campo político, a exemplo de “A delegação e o fetichismo político”²³ que trata, dentre outras demandas, das complexas relações entre a transferência de poder político de um para outro que autoriza o governante a agir e a falar em lugar daquele que alienou o direito. E mais: “A representação política: elementos para uma teoria do campo político”²⁴ quando analisou marcas das estratégias de poder e a relação entre a lógica da oferta e da procura inscrita no campo político. Em outra intervenção, Bourdieu coordenou na qualidade de diretor da “Actes de la Recherche en Sciences Sociales”, estudo sobre a transformação do Estado Social em Estado Penal a exemplo do trabalho escrito por Loïc Wacquant²⁵. Como autor, escreveu “Sur science de l’État” (BOURDIEU, n.133, 2000) que discutiu num corte específico, o Estado moderno ligado numa espécie de revanche, à lógica do controle interno que nasce a despeito das instituições especializadas sobre o trabalho (dentre outros) do controle pelos intendentos da polícia, da justiça e das finanças²⁶. Quando ele falou «das finanças» como forma de controle, ampliou o debate para a pedra angular das tensões contemporâneas: o reino absoluto da livre negociata, por assim dizer, cuja consequência marcante é o que denominou de flagelo neoliberal (1998).

Bourdieu (1993, p. 215), empreendeu uma análise acurada em “A nobreza do Estado e o liberalismo”, contido em “A demissão do Estado”²⁷, afirmando que:

[...] transformando o liberalismo econômico na condição necessária e suficiente de liberdade política, o intervencionismo do Estado é assimilado ao totalitarismo... associando eficácia e modernidade à empresa privada, por um lado, arcaísmo e ineficiência ao serviço público, por outro, pretende-se substituir a relação com o cliente, supostamente mais igualitária e mais eficaz, pela relação com o usuário e identifica-se a ‘modernização’ com a transferência para o privado dos serviços públicos mais rentáveis e com a liquidação e submissão do pessoal subalterno dos serviços públicos, considerados como responsáveis por toda a ineficiência e excesso de formalismo.

Referido à complexa e densa questão que se pode chamar de privatização do público, Bourdieu destacou as formas de persuasão pelo senso público, notadamente pela mídia

²³ Apresentada como Conferência na Associação dos Estudantes Protestantes de Paris em 1984 e publicada em Actes de la recherche en Sciences Sociales, n. 36 de 1981.

²⁴ Publicada em ‘Actes de la Recherche en Sciences Sociales’, n.64 de 1986.

²⁵ ‘La ascension de l’État pénal en Amerique’ contido em “Actes de la recherche en Sciences Sociales”, n. 14, 1998.

²⁶ A revista “Actes de la recherche en Science Sociales” nunca foi traduzida para o português. Portanto as assertivas contidas acima são de livre tradução, ou melhor, muito mais um ato de interpretação das formulações de Bourdieu.

²⁷ Partes integrantes de “A miséria do mundo” (1993)

e as estratégias dos planos e programas de governo, estes respaldados no argumento neoliberal de deslocamento das esferas de poder e decisão. São os programas de privatização das empresas estatais, a oferta de antecipação de desligamento de funcionários do emprego público pelas denominadas políticas de “incentivo à demissão voluntária”, que os Estados contemporâneos se submetem aos caprichos do mercado e do capital transnacional. Por conseguinte, acompanhando o raciocínio de Bourdieu, (1993, p. 215), pedem demissão da sua função pública e minimamente inalienável. No caso específico das pesquisas realizadas por ele e equipe, são analisadas, por exemplo, as políticas públicas destinadas à habitação e à educação. Convidou a uma reflexão sobre os “sofrimentos sociais» (BOURDIEU, 1993) e afirmou que:

[...] tem também multiplicado os espaços sociais (campos e subcampos especializados) que têm oferecido as condições favoráveis a um desenvolvimento sem precedentes de todas as formas de pequenas misérias. (BOURDIEU, 1993, p. 13)

Considerando-se, ainda, as suas intervenções reunidas em “Contrafogos» e “Contrafogos 2”, empreendem-se algumas ressalvas que podem sustentar um vigoroso debate em termos do neoliberalismo, dos processos de exclusão social, da chamada “globalização”, enquanto espaço em uníssono nas regras de mercado e a marca dos movimentos sociais por Bourdieu entendidos como portadores de um atributo que é a “solidariedade”.

Um dos rigorosos argumentos de Bourdieu elaborados para explicar o que denominou de “abusos do poder” é o monopólio da razão por agentes ou instâncias que julgam ser detentores auto-proclamados da violência legítima em nome de uma suposta justiça universal. Com isso, tanto a pressão econômica simulada de razões jurídicas quanto ao imperialismo justificado pela legitimidade — reconhecimento implícito de instância autorizada — dos organismos internacionais que parecem agir em nome de uma suposta alienação de direitos para gerir as questões da sociedade e ainda mais, em nome de um suposto racionalismo, as razões imperialistas na análise de Bourdieu camuflam o irracionalismo em cuja base repousam toda sorte de violências simbólicas ou explícitas. Essa análise feita em Frankfurt em 1995 parece que foi escrita hoje. Trata-se de saber que entre lá e aqui as trilhas do irracionalismo mundial não param de assumir consistência e argumentos aparentemente irrefutáveis. Tudo em nome de uma suposta ordem mundial, ordem que sugere sua existência condicionada a ameaça constante da razão enquanto estado substantivo de direito. O sociólogo naquela ocasião afirmou:

A violência terrorista, através do irracionalismo do desespero no qual se enraíza quase sempre, remete à violência inerte dos poderes que invocam a razão.

[...]

E, pela própria hipocrisia das racionalizações destinadas a mascarar seus duplos critérios, ele tende a suscitar ou a justificar no seio dos povos árabes, sul-americanos, africanos, uma revolta muito profunda contra a razão, que não pode ser separada dos abusos de poder que se armam ou se baseiam na razão (econômica, científica ou outra).

Esses 'irracionalismos' são em parte o produto do nosso racionalismo, imperialista, invasor, conquistador ou medíocre, limitado, defensivo, regressivo e repressor, segundo os lugares e os momentos. Talvez faça parte da defesa da razão o combate àqueles que mascaram sob as aparências da razão os seus abusos de poder, ou que se servem de armas da razão para justificar ou fundamentar um império arbitrário. (BOURDIEU, 1998, p. 31)

Por outro lado, Pierre Bourdieu desenvolveu argumentos que permitem entender o Estado a partir de dois critérios: primeiro, como um lugar de conflitos e, logo, portadores de uma dissensão no aparente consenso; segundo, como uma instituição que tende a involuir no sentido de deslocar seu atributo de Estado Social para Estado Penal. Como um lugar de conflito, por exemplo, entre os ministérios que tendem impedir gastos considerados “desnecessários” ou muito “pesados para o tesouro estatal” e os ministérios sociais, cuja marca é o estigma de “gastadores”. Nesse dissenso, os poderes abusivos dos ministérios e seus gestores aludem a necessidade de inserção do país no processo da chamada “globalização” como condição de possibilidade da contemporaneidade. Pierre Bourdieu (1998, p. 48) dizia que a “globalização” funciona nessas intrincadas relações de poder como uma “idéia-força”, “um discurso poderoso” e arremata dizendo que:

De modo geral, o neoliberalismo faz voltar, sob as aparências de uma mensagem muito chique e muito moderna, as ideias mais arcaicas do patronato mais arcaico. É característico das “revoluções conservadoras”, a dos anos 30 na Alemanha, a de Thatcher, Reagan e outros, apresentar restaurações como revoluções. A revolução conservadora assume hoje uma forma inédita: não se trata, como em outros tempos, de invocar um passado idealizado, através da exaltação da terra e do sangue, temas arcaicos das velhas mitologias agrárias. Essa revolução conservadora do titio novo tem como bandeira o progresso. a razão, a ciência econômica, no caso) para justificar a restauração e tenta assim tachar de arcaísmo o pensamento e a ação progressistas. (BOURDIEU, 1998, p. 49) (grifos da autora)

Ao se tratar, por conseguinte, das posições assumidas pelos Estados contemporâneos face às políticas públicas, notadamente as de corte social, as produções desse pensador francês notadamente em pesquisas junto aos segmentos excluídos do processo de “modernização cultural, social e econômica”, como o demonstrou em “A Miséria do Mundo” e das condutas de “política da despolarização” (BOURDIEU, 2001, p. 60) como se referiu ao arsenal de medidas gestadas na “razão imperialista mundial” em nome de um programa de globalização, é posto em xeque o discurso e a prática neoliberal que tende a se imiscuir em todas as esferas e subesferas constitutivas das relações sociais da contemporaneidade.

À GUIZA DE UMA CONCLUSÃO: Pierre Bourdieu, “o mestre francês da ciência social”, “o sociólogo de todos os combates²⁸”

As construções teóricas e metodológicas, assim como as análises que Pierre Bourdieu elaborou em relação a diversificadas formas de sociabilidade e de relações sociais, quando na condição de pesquisador ao modo do oficial de corporação do medievo, são de valor científico incomensurável e não passam incólumes àqueles desejosos de noções operacionais que os ajudem a pensar o mundo social. Polêmico, provocante, mitificado e combatido, o sociólogo de Béarn só não passou indiferente. A sua pertença ao Collège de France, a sua condição de autor de vários trabalhos e pesquisas e, sendo um agente legitimado e consagrado, suficientemente à vontade para criticar, posicionar-se e intervir na qualidade de intelectual incomodado com as “misérias do mundo” frente ao que chamou de invasão neoliberal. Num dos seus últimos artigos — “La nouvelle vulgate planétaire” em parceria com Loic Wacquant - publicados no suplemento “Le Monde Diplomatique” em maio de 2000, Pierre Bourdieu afirmou que o capitalismo, as classes, a exploração, a dominação, a desigualdade foram renegados à condição de ultrapassados por aquilo que tão bem denominou de “nova vulgata planetária”, como sinônimo de expansão para o discurso da doxa, do lugar-comum, dos acordos neoliberais.

A academia, como uma instância de produção intelectual, só tinha sentido ligada ao atributo das formas de se juntar à sociedade para questionar e refazer o sentido da revolução, termo que foi apropriado pelos tecnoburocratas para se constituir na peça de defesa maior dessa política de razões imperialistas e totalitárias, no sentido mais usual e próximo da herança que faz lembrar um mundo que ruí sob os abalos do irracionalismo humano.

Ficam assim as lições de aula.

Summary: This article deals with some of the fundamental concepts developed by Pierre Bourdieu (1930 — 2002) which are actuated as operational notions in order to think social connections of the contemporary world, taking as reference the matrices of his Reflexive Sociology and the analysis of part of his articles, conferences, researches, i.e., of his intellectual production. The analysis of Pierre Bourdieu's contribution refer to specific subjects (although the cleavage of his arguments is very hard through which cuts have been undertaken, due to the amount of his theoretical methodological constructs. The discussion about role configuration intellectual — total, collective and negative — exercises related to some considerations concerning the examination of the concept of the intellectual man brief notes pertaining to his considerations on neoliberalism and the positions contemporary State before public policies, as one of the specific attributes of the scope. Aware of the whole complexity of the arguments and controversial topics, such appraisal as a whole is a tribute to

²⁸ Tomou-se emprestado o designativo — “Morto il maestro francese delle scienze sociali: dali al'68 afio atrapotere della TV” utilizado pelo jornal italiano ‘La Stampa’ de 25 de janeiro de 2002, ao noticiar a morte do sociólogo francês. Sezione cultura, p: 22 e pela matéria do jornal francês “Le Monde” — de 24 de janeiro de 2002. Culture, intitulada “Pierre Bourdieu, le sociologue de tous les combats”.

the intellectual work and the political struggle of this French sociologist who died on January 23 rd, 2002, in Paris.

Key words: Pierre Bourdieu, Reflexive Sociology, production of intellectual knowledge, State, neoliberal strategies.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, P. Sociologie d'Algerie. Paris: PUF, 1958.
- BOURDIEU, P. et ai' Le travail et les travailleurs em Algérie. Paris, Haye: Mouton, 1963.
- BOURDIEU, P. Les héritiers: les étudiants et la culture. Paris: Minuit, 1964.
- _____. Campo intelectual e projeto criador. IN: Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BOURDIEU, P. et ai. Le métier de sociologue. Paris: Paris, Haye: Mouton, 1968.
- BOURDIEU, P. Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois étuds d'éthnologie kabyle. Genève: Droit, 1972.
- _____. Méditations pascaliennes. Paris: Seuil, 1977.
- _____. O desencantamento do mundo. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____.Homo academicus. Paris: Minuit, 1980.
- _____. Les sens pratiques. Paris: Minuit, 1980.
- _____.Questions de sociologie. Paris: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, P. ; PASSERON, J.C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, P. La Noblesse d'Etat: grandes écoles et sprit des corps. Paris: Minuit, 1989.
- _____.O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- _____.Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. A miséria do mundo. (Coord). Petrópolis: Vozes, 1993. .Llções de aula.São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Razões práticas sobre uma teoria da ação.São Paulo: Papyrus, 1996.
- _____. As regras da arte gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. (editor). Liber 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

_____. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. .Contrafogos táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

_____.O campo econômico a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papirus, 2000.

_____. Contrafogos 2 por um movimento social europeu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993. LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

PERIÓDICO:

_____; DELSAULT, Y. Le coutuner et sa grife: contribution à une théorie de la magie. Actes de la recherche eu Sciences Sociales. n. 1, jan. 1975,

_____. Et si parleait de l'Afeganistan? Entretien avec Pierre Bourdieu. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n 34, Set. 1980.

_____. La représentation politique. Éléments pour une théorie du champ politique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n. 36,Jan. 1981.

_____. La délégation et le fétichisme politique. Actes de la Recherche eu Sciences Sociales. Paris: Seuil. Paris: Seuil, n. 52, abr. 1984.

_____. De la Maison du roi à la raison d'Etat: un modèle de la genèse du champ bureaucratique.. Actes de la recherche em Sciences Sociales. Paris: Liber, n. 118, Jun. 1997.

WACQUANT, 1. L'ascension de l'État pénal en Amerique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris: Seuil. n. 124, Set. 1998.

BOURDIEU, P. et ai. Sur la science d'État. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris: Seuil. N. 133, Jun. 2000.

JORNAIS:

BOURDIEU, P. Analyse d'une passage à l'antenne. Le Monde Diplomatique. p.25, abr. 1996.

_____. L'architecte de l'euro passe aux aveux. Le Monde Diplomatique. P.19, set. 1997.

_____. Questions sur un quiproquo. Le Monde Diplomatique. p.26, fev. 1998..

_____. L'essence du neoliberalisme. Le Monde Diplomatique. p 3, mar. 1998.

_____. De la domination masculine. Le Monde Diplomatique. p.24. ago. 1998.

_____. Pour um mouvement social européen. Le Monde Diplomatique.P. 1, 16-17,jun.1999.

BOURDIEU, P. ; WACQUANT, L. La nouvelle vulgate planétaire. Le Monde Diplomatique. maio, 2000.

CHRISTIN, O. A lécoie de Pierre Bourdieu. Libération. França, Le jeudi, 31 janvier 2002. Quotidien.

DUPUY, G. Le mort de Pierre Bourdieu. Libération. Édition Spéciale. Paris. 30 janvier 2002.

Pierre Bourdieu, le sociologue de tous combats. Le Monde. Paris. Vendredi 25 janvier 2002.

SADER, E. Um intelectual para um outro mundo possível. Jornal do Brasil. 25 de janeiro de 2002. Caderno B.

Morto Il maestro francese delle scienze sociaie: dali al'68 allo strapotere deila 1V: Bourdieu, gladiatore contro la miséria gobale. La Stampa. Itália, dei 25/01/20002. Sezione Cultura.

JOHNSON, D. Obituary: Pierre Bourdieu. The Guardian. Londres, Monday, .January 28rd, 2002.

GONÇALVES, M. F. da C. Pierre Bourdieu não morreu. O Imparcial. São Luis. Caderno Opinião.